

VIVA A GREVE DA USP! FORTALECER O COMANDO DE GREVE E LUTAR PELA ANULAÇÃO DOS INQUÉRITOS CONTRA OS 73 PRESOS POLÍTICOS!



Boletim Juventude Às Ruas Especial Greve da USP - 23 de novembro de 2011
LER-QI e independentes - <http://juventudeasruas.blogspot.com/>
Contribuição solidária R\$0,50

Em Santiago e em Tharir a juventude mostra o caminho!

Os estudantes da USP em luta contra a repressão policial há quase um mês, não estão sozinhos! Se levantaram como a juventude no mundo que desperta frente à crise sendo a linha de frente de todas as lutas internacionais deste ano. E, se o contrário da apatia é a luta, a juventude está vigilante, a juventude está em luta!

O Chile mantém-se já por mais de seis meses em permanente mobilização. Manifestações seguem-se umas às outras, regularmente, sem nunca receder, nem em número nem na integridade de suas convicções. A maior delas reuniu um milhão de pessoas nas ruas de todo o país, que gritavam palavras de ordem contra a privatização da educação, pelo ensino público de qualidade e para todos. A luta dos estudantes chilenos é um exemplo, do questionamento da privatização da educação que é direito básico ao questionamento dos pilares da herança da ditadura pinochetista, se enfrentando com a polícia e com as direções estudantis conciliadoras.

Na Colômbia meio milhão de estudantes universitários estiveram por um mês em greve. Marchando, levavam cartazes como: "não educamos capital humano, mas seres humanos". A mobilização pretendia a revogação do projeto de lei que reformaria a educação pública no país e que tinha como objetivo privatizar seus centros de estudo. A greve terminou com o arquivamento desse projeto e os estudantes prometem voltar às ruas caso os termos do acordo não sejam cumpridos.

Centenas de milhares de jovens e trabalhadores gregos tomam as ruas contra o crime que o capital promete cometer contra eles. Querem que alimentem com o fruto de seu trabalho o esfomeado e insaciável sistema financeiro. O capital vende a juventude e os trabalhadores ao mercado: vende suas vidas, entregando seu futuro para pagar as dívidas da crise econômica seus corpos trazem marcada a memória de sua luta, e hoje as praças e as ruas gregas seriam palco para os abutres saciarem-se com a carne humana, não fossem essas centenas de milhares que se levantam contra a barbárie e fazem destes mesmos espaços o palco de sua luta.

Indignados com a miséria e precarização da vida, jovens no mundo inteiro saem às ruas pedindo o impossível! Da praça Tharir à Wall Street!
Companheiros, a luta dos jovens é a mesma luta dos trabalhadores.
Em cada punho levantado urge o futuro da humanidade inteira!



VIVA A GREVE DA USP! FORTALECER O COMANDO DE GREVE E LUTAR PELA ANULAÇÃO DOS INQUÉRITOS CONTRA OS 73 PRESOS POLÍTICOS!

A PM E A REPRESSÃO SÓ ESTÃO A SERVIÇO DA UNIVERSIDADE PRIVATISTA DE RODAS!

Após a repressão à manifestação de estudantes contra a PM no dia 27/10, foi ficando cada vez mais claro o papel da PM na USP, que já nos últimos anos havia entrado para dissolver piquetes, greves e ocupações.

As ocupações, primeiro da FFLCH, e depois da reitoria, pelo fim do convênio PM-USP e pelo fim de todos os processos contra estudantes, funcionários e professores, estava se ampliando - apesar de nessa altura não contar com o apoio das direções do movimento estudantil (PSOL e PSTU).

Foi nesse momento que covardemente o reitor João Grandino Rodas, junto ao governador do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin, colocaram um destacamento de guerra - com mais de 400 homens, dois helicópteros, esquadrão antibomba, cavalaria, Gate, GOE, Bombeiros - para reprimir uma manifestação política legítima (em processo de negociação) e pacífica.

Aí cai de vez a máscara do convênio USP-PM. Ao contrário do que tentam fazer parecer a reitoria, o CO, a mídia burguesa e, infelizmente, as direções do movimento estudantil a PM não está no campus por questões de segurança, mas sim para reprimir, e é disso que se trata nosso movimento. Pois a reitoria e o C.O., a serviço do governo, buscam aprofundar um projeto privatista, racista e elitista de universidade, apoiado na terceirização, na precarização do ensino e fechamento de cursos, nas demissões, na vinculação das pesquisas ao empresariado, e para isso precisam da PM, dos processos, da espionagem, para destruir a resistência a esses ataques protagonizada por trabalhadores e estudantes que se organizam em torno do Sintusp, um sindicato combativo e anticorporativista, e do movimento estudantil combativo, que juntos, nos últimos dez anos, construíram grandes greves e lutas que barraram enormes ataques.

OS RUMOS DO MOVIMENTO E A IMPORTÂNCIA DA DEFESA DOS QUE LUTAM

A partir da invasão da PM e da violenta desocupação da reitoria, culminando na prisão política dos 73 estudantes, o quadro dessa luta se modifica. O PSOL e o PSTU, que haviam rompido com as assembleias, se reintegram ao movimento. Na assembleia histórica desse mesmo dia, votou-se greve imediata, mesmo contra essas direções, e incluiu-se ao eixo central do movimento a não punição aos 73 presos políticos. O movimento se massificou rapidamente, e os debates anteriores, para nós, são secundários em relação à polêmica que colocamos aqui, sobre a tarefa que deve nos unificar.

Rodas e Alckmin tentam impor duro golpe ao movimento estudantil da USP, mas também a todo movimento estudantil e aos movimentos sociais de conjunto. Tal ataque ainda não é uma derrota imposta ao movimento. Esta apenas se concretizará se deixarmos passar a punição aos 73. Nesse caso, o movimento estudantil sofrerá a derrota que o desmobilizará para as próximas lutas, abrindo espaço para o avanço do projeto de universidade de Rodas, o que, em âmbito mais geral, significará uma derrota a todo movimento estudantil brasileiro. Se, mesmo com toda a cobertura midiática e atenção da sociedade voltadas ao conflito na USP, a polícia pode fazer a reintegração de posse que vimos na USP, prender e abrir processos contra estudantes em sua maioria brancos e de classe média, o que acontecerá às ocupações realizadas pelo MTST no centro de São Paulo? Pelo MST no campo? O que acontecerá à juventude negra das periferias quando resolver protestar contra o genocídio que a polícia lhes impõe?

Ainda está em nossas mãos determinar se levaremos ou não essa derrota. Hoje, a tarefa mais importante do M.E. é a de defender seus presos políticos. As direções do movimento estudantil não podem seguir secundarizando essa questão, chegando a apagar essa campanha de atas de assembleia, pois a defesa intransigente de nossos lutadores é a própria de-

fesa do direito de lutar. Se formos capazes de nos defender, ou seja, reverter o ataque do dia 08 de novembro, estaremos fortalecidos para lutar contra a PM, pela retirada de todos os processos a estudantes e trabalhadores e pela readmissão do Brandão, dirigente do Sintusp demitido ilegalmente, e com uma vanguarda do M.E. mais coesa e experiente, pronta a organizar e mobilizar a massa dos estudantes.

FORTALECER O COMANDO DE GREVE

O comando de greve já se configura como uma conquista democrática do M.E. As centenas de delegados que, organizados, dirigem o movimento de greve são eleitos a partir dos cursos e levam para o comando os posicionamentos destes. A representatividade e a revogabilidade dos delegados fazem com que esse órgão, criado para dirigir a greve, seja um exemplo de democracia, expressando as discussões das assembleias de curso onde todas as correntes, e particularmente, os setores de estudantes independentes, podem se expressar e determinar os rumos de seu movimento, o que não tem acontecido nas assembleias gerais, onde os independentes não conseguem falar ou encaminhar propostas, e não se expressa a base dos cursos.

No entanto, têm-se destacado nesse órgão dois posicionamentos que levam ao seu enfraquecimento. De um lado as direções do M.E., sobretudo a atual gestão do DCE, que ao verem, erroneamente, o comando como concorrente das entidades estudantis, organizam um boicote a esse comando, não dando peso a intervir nele, construí-lo na base, e mesmo não enviando seus delegados eleitos, e não participando de comissões formadas para organização de intervenções, materiais, etc. Por outro, grupos como MNN e PCO, não na contramão de combater essa posição, não compreendendo que o real combate pelo fortalecimento do comando passa por ter medidas que comprometam o PSOL e o PSTU, que estão na gestão do DCE e vários CAs, com o comando, disputando o apoio que têm nos cursos, para que o comando não fique isolado aí e o movimento se massifique ainda mais.

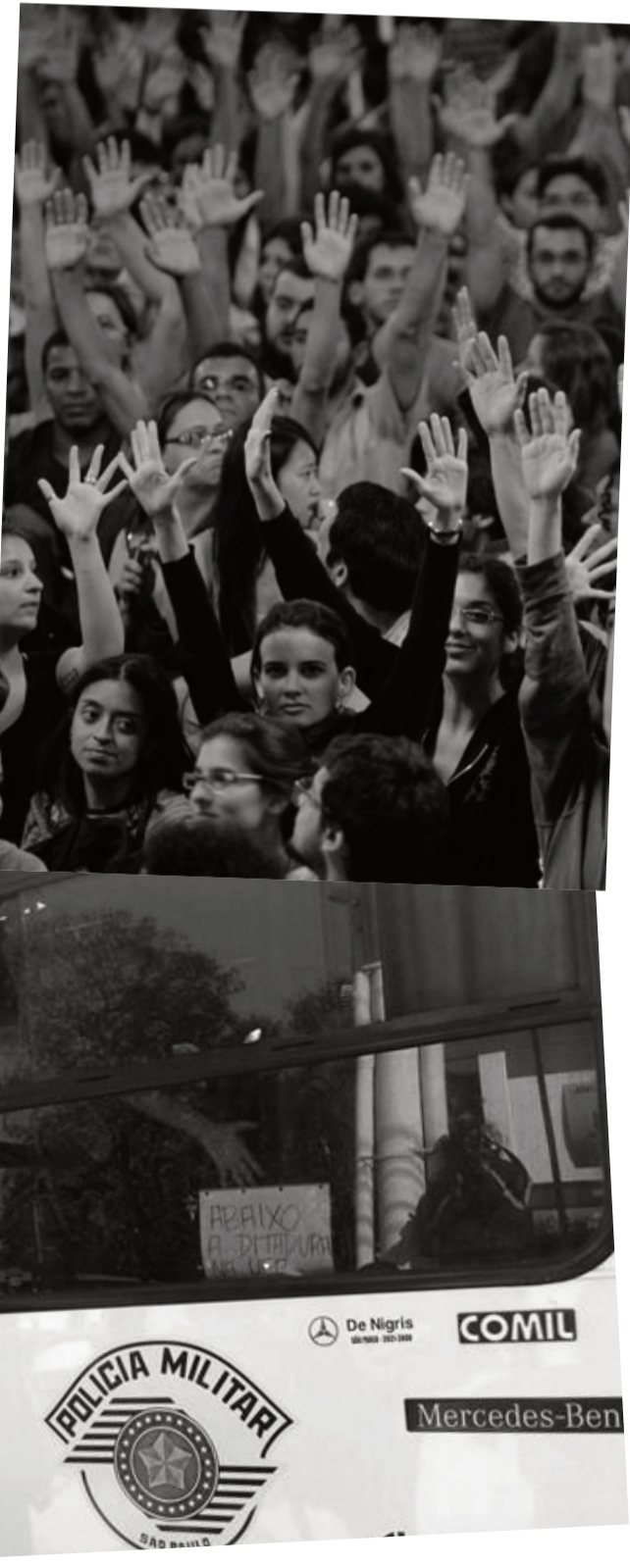
Ao contrário de tais posturas, devemos levar nossa luta, nossos eixos políticos e nossos métodos de ação sempre a massificar ainda mais o movimento, aproximando-o da base dos cursos e da massa dos estudantes. Nossas políticas devem esclarecer o significado de em 2011 haver na USP 73 presos políticos, com inquéritos abertos contra eles por se contraporem ao projeto de universidade dos rankings produtivistas, punidos para servirem de exemplo aos que questionam, organizam-se e lutam. Esclarecer o conteúdo de nosso "Fora PM", não aquele elitista do qual a mídia nos acusa, aquele que exige privilégios, mas sim, aquele que ecoa, através de nossas vozes, os gritos de toda juventude negra assassinada diariamente nas favelas pela polícia mais assassina do mundo, a polícia dos grupos de extermínio que perduram desde a ditadura militar, a polícia corrupta que é parte constitutiva do tráfico, etc. Devemos em nossa luta contra os processos e perseguições políticas explicitar a continuidade da ditadura materializada no estatuto da USP, mas também a ditadura impune nos arquivos lacrados que comprometem figuras que governam o país até os dias de hoje.

Como vemos, o comando de greve, pelo seu caráter de democracia direta, tem um papel fundamental a cumprir na massificação de nosso movimento. Devemos exigir que todas as correntes políticas do M.E. e todas as entidades e suas gestões se posicionem e atuem pela massificação do movimento de greve, que

fortaleçam o comando para que esse instrumento seja decisivo para que anulemos os processos contra os presos políticos!

POR UMA UNIVERSIDADE A SERVIÇO DA CLASSE TRABALHADORA!

É preciso contrapor ao projeto privatista de Rodas e do PSDB, a luta pela democratização da universidade. A autonomia universitária que defendemos é a liberdade de questionar e produzir conhecimento a serviço dos trabalhadores e do povo pobre e de suas lutas. É a liberdade de lutar pra que estejam dentro da universidade, tenham direito de estudar, derrubando o vestibular e estatizando o ensino privado. É a liberdade de lutar contra essa estrutura de poder arcaica e esse estatuto da ditadura, pela dissolução do reitorado e do C.O., e por uma assembleia estatuinte livre e soberana. Não é, portanto, uma liberdade vazia de conteúdo de classe. Ao negar a luta por essas bandeiras, setores como o MNN se adaptam ao elitismo da universidade. Ao defenderem contra a luta pela estatuinte, com um discurso contra a política de conciliação das direções do movimento, se adaptam a elas, assumindo uma posição que não questiona o poder que implementa a repressão e todos os ataques. Nossa luta é por uma estatuinte sem Rodas nem C.O., imposta pelo movimento, pra que o conjunto dos estudantes, trabalhadores e professores, com um voto por cabeça, possa determinar os rumos da universidade e colocá-la a serviço, não do lucro, mas dos trabalhadores e do povo pobre!



DENTRO E FORA DA USP, A POLÍCIA REPRIME PARA MANTER A RIQUEZA SUSTENTADA NO TRABALHO PRECÁRIO, RETIRADA DE DIREITOS E DESIGUALDADE

O conflito da USP, junto com as instalações das UPP's no Rio de Janeiro, trazem em meio ao falso discurso de "garantir a segurança", a discussão sobre o papel da Polícia para a ordem do dia.

Mesmo entre aqueles que condenam a ação da polícia na USP no dia 8 de novembro, existem alguns que acreditam que o problema está no excesso cometido pelos policiais e na falta de preparo. Acreditam que se os policiais recebessem melhores salários e uma formação mais humana. São os mesmos entusiastas das polícias pacificadoras, das bases comunitárias, da polícia amiga da comunidade.

Mas como pode ser que exista uma polícia democrática e humana se ela está a serviço de um Estado que legitima e naturaliza a exploração cotidianamente?

Na verdade, não pode e todo esse discurso de uma "nova polícia" está, de forma consciente ou não, apenas serviço de legitimar a repressão e mascarar sua verdadeira função: garantir a manutenção da ordem social burguesa e proteger a propriedade privada. Um exemplo deste ilustrativo desde caráter temos no brasão da própria PM de SP, onde das 18 estrelas, três chamam a atenção: 9º) Revolta da Chibata, 10º) Repressão a Greve operária de 1917, 18º) Golpe militar de 1964.

Na mesma semana a ação da PM na USP, outra operação de guerra era montada pela polícia, dessa vez no Rio de Janeiro, na Rocinha. No Rio de Janeiro e também Salvador, os moradores das periferias, em sua maioria negros, sofrem profundas transformações em sua vida, com políticas de segurança para a garantia dos lucros dos investidores, principalmente os ligados à Copa e as Olimpíadas. As UPP's, com o discurso de levar a paz para o povo das favelas livrando-os da violência do tráfico de drogas, escondem que, na realidade, a polícia é totalmente ligada ao tráfico e se utiliza dele como arma para montar essas grandes cenas que justificam a criminalização da pobreza, o cerceamento das liberdades e o massacre da população pobre.

Outra vez, o discurso de segurança ligada à ação da PM não passam de uma manobra pra justificar presença e legitimar a violência policial. Quando alunos da USP se levantam contra presença da PM no campus, abre um debate nacional sobre a sua função política. O "Brasil potência" a custo de trabalho terceirizado e milita



rização das periferias das cidades está sendo questionado por esses estudantes. A polícia que entra hoje na USP para passar um projeto de universidade privatista, entra todos os dias nas periferias para reprimir e assassinar a juventude e a classe trabalhadora, e no RJ com as UPP's mata, criminaliza a pobreza e cerceia as liberdades mínimas dos moradores das favelas. Quando dizemos que estamos contra a PM na USP, temos que dizer que estamos contra a instituição da polícia como um todo, que é o braço armado de um Estado capitalista que reprime por excelência, que nos impõe uma pobreza estrutural que é a grande responsável pela violência que a polícia não tem o papel de extinguir.

OS ESTUDANTES DA USP NÃO ESTÃO SOZINHOS!

Poucas horas depois que a USP foi militarizada e que estudantes e trabalhadores que ocupavam a reitoria foram presos políticos, ações de repúdio a repressão foram deflagradas não apenas na USP, mas em várias outras universidades de São Paulo e até de outros Estados.

Na UNESP de Marília, as aulas do curso de Ciências Sociais e de algumas turmas de Pedagogia nem chegaram a começar no dia 8 de novembro. Assim que souberam que a PM tinha sitiado a USP, dezenas de estudantes organizaram paralisações e um ato com cerca de 120 estudantes que rodou os corredores da FFC em cantos de FORA PM! À noite, uma assembleia geral com mais de 350 estudantes deliberou pela paralisação de todas as aulas no dia seguinte, com piquete no único portão de acesso ao campus!

Em Campinas, estudantes do IFCH, que estão em greve desde 1/11 em apoio a greve dos trabalhadores da UNICAMP, organizaram uma grande assembleia com mais de 200 estudantes na qual foi reafirmado o apoio incondicional a luta da USP e o repúdio a ação da PM. Logo após a assembleia, os estudantes saíram em ato que percorreu os principais prédios da UNICAMP cantando palavras de ordem como "Ô ô ô USP, conta comigo, a polícia é nosso inimigo!".

Outras ações de solidariedade também aconteceram na UNESP de Rio Claro, com paralisação e piquete do portão principal votados em assembleia geral para o dia 10/11; na UNESP de Assis, no dia 17/11 os estudantes também deliberaram por paralisação com piquete; na Unesp de Araraquara no dia 23/11 os estudantes que somam mais de cem processos contra os lutadores também se somam a luta contra a PM nas universidades; Ourinhos também organizará essa semana uma paralisação contra a repressão. Na Fundação Santo André, centenas de estudantes organizaram um ato contra a repressão policial.

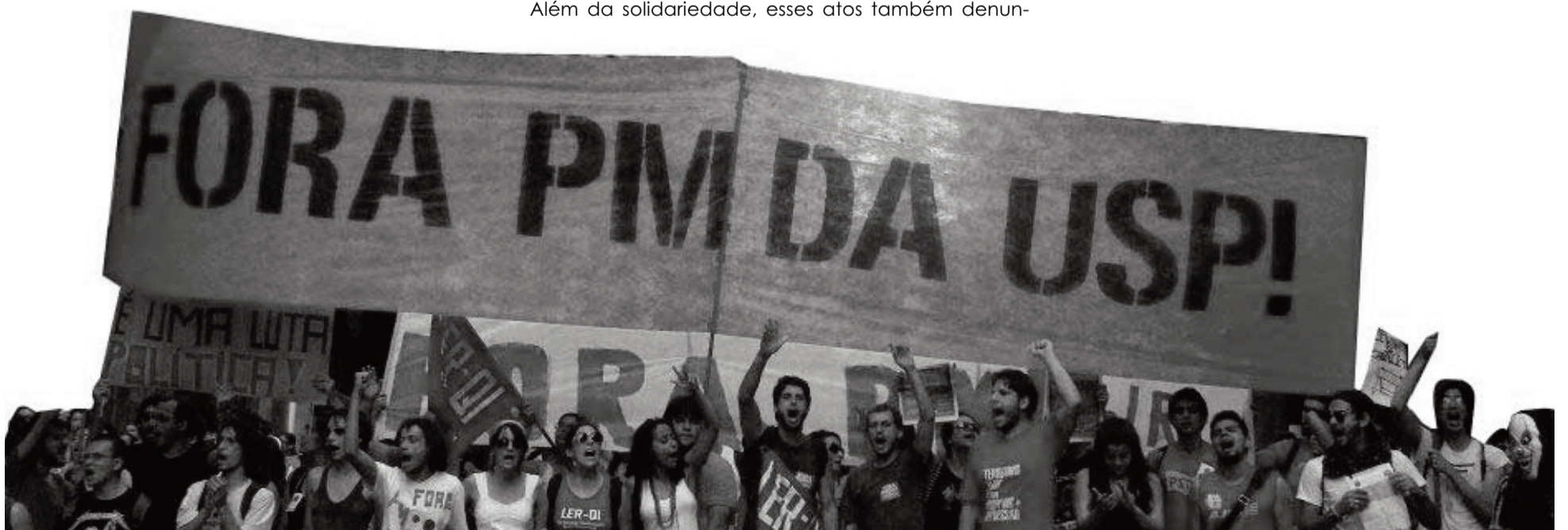
No país inteiro recebemos ações de solidariedade, como da Universidade Estadual de Londrina (UEL), com ato de mais de 300 pessoas em resposta as declarações reacionárias do ex-reitor, na Universidade Estadual de Maringá estudantes mandam vídeo de apoio a ocupação da Reitoria e também denunciam a perseguição e processos contra os ativistas após a luta e ocupação da Reitoria que fizeram este ano.

Diante de demonstrações de apoio como essas, fica reduzido ao ridículo todo o discurso do governo e da mídia de que a ocupação da USP é uma ação isolada de uma minoria. Milhares de estudantes e jovens de todo o país sentem-se representados nas bandeiras e combatividade dos estudantes da USP. Além da solidariedade, esses atos também denun-

ciam que a perseguição política e a repressão policial são práticas comuns na grande maioria dos locais de ensino. Como nos deixa claro também o atual exemplo da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), onde professores e estudantes em greve sofrem brutal repressão por parte da Polícia Federal e cotidianamente recebem ameaças de morte, além da prisão de um professor.

Desde sempre, e cada vez mais, tanto o governo federal como o estadual fazem uso de processos administrativos, criminais, corte de benefícios e de salários, demissões e expulsões e força policial para implementar e manter seu projeto de educação elitista, racista e privatista.

É justamente porque a luta contra a polícia não é isolada na USP mas, pelo contrário, deve ser parte de toda uma campanha nacional contra a repressão e criminalização aos lutadores e movimentos sociais, que nós, da Juventude Às Ruas, entendemos que uma das principais tarefas dos que lutam hoje contra a repressão policial é organizar ações que unifiquem todos que os se opõe ativamente a perseguição e repressão cotidianas aos lutadores e aos trabalhadores e população pobre e negra das periferias. A luta pelo fim dos inquéritos contra os 73 presos políticos da USP é parte fundamental de defender os que lutam.



Na USP, no Brasil e no mundo a luta da classe trabalhadora e da juventude é uma só!

"Em primeiro lugar agradecemos o esforço dos camaradas da Juventude às Ruas ao organizar diversas atividades e até um festa para arrecadar fundos para contribuir com a luta dos estudantes do Chile! Assim como vocês, estamos lançando por aqui uma agrupação de juventude que reuni centenas de jovens estudantes e trabalhadores que vem sendo linha de frente das duras mobilizações que estamos travando por uma educação pública e acessível a todos contra os interesses dos grandes capitalistas da educação. Estamos acompanhando desde o Chile a luta dos estudantes da USP contra a presença da polícia na universidade e nos bairros operários, e agora contra a criminalização dos 73 companheiros presos na reitoria. Assim como aí, por aqui não temos nenhuma confiança na polícia. Somos parte dos encapuzados que há seis meses não baixam a cabeça diante da repressão. Lutemos até o fim contra a herança das ditaduras militares, que tanto no Chile como no Brasil, vivem na repressão policial contra os lutadores! Companheiro Manuel Gutierrez: PRESENTE!"

Bárbara Brito, estudante da Universidade do Chile e militante do PTR

"Em meio as comemorações pelos 10 anos de gestão operária em Zanon, venho saudar os companheiros e companheiras que começam a construir a Juventude às Ruas no Brasil. O apoio de centenas de jovens revolucionários desde a ocupação da fábrica, em 2001, tem sido fundamental para a conquista e manutenção desse grande patrimônio para os trabalhadores de todo o mun. Todo apoio a luta que vêm levando adiante contra a repressão policial e pelo fim dos processos contra os presos políticos da USP!"

Raul Godoy, operário de Zanon (fábrica ocupada sobre controle operário) e deputado eleito pela FIT na província de Neuquen



"Como trabalhadores da USP e membros do sindicato, gostaríamos de reafirmar nosso apoio à luta dos estudantes da USP iniciada no dia 27 de outubro, e em especial as companheiras e companheiros que compõe a Juventude às Ruas. Ao contrário da campanha reacionária que fazem a reitoria e a mídia, entendemos que as duas ocupações e a atual greve estudantil não uma luta isolada e sem causa, mas são parte de anos de enfrentamento contra o projeto de universidade que tenta entregar a USP, de uma vez por todas, para as mãos do capital. Neste sentido, a luta de vocês é também a luta dos trabalhadores da USP, da população negra e pobre das periferias e das dezenas de milhões de jovens brasileiros que não entram na universidade pública.

E para derrotar este projeto de universidade que não nos interessa, é preciso fortalecer a estratégica aliança entre estudantes e trabalhadores, dentro e fora das universidades. Exemplos concretos do que somos capazes de fazer quando nos unificamos foram dados no começo do ano durante a greve das trabalhadoras terceirizadas da UNIÃO e depois no conflito da BKM. Tanto nós do SINTUSP quanto os estudantes da Juventude às Ruas cumprimos um papel decisivo ao cercar de apoio e solidariedade a luta das terceirizadas e denunciar como, cada vez mais, a precarização e a semi-escravidão do trabalho compõe um dos pilares de sustentação deste projeto privatista e elitista de universidade. Voltamos nossos esforços para a campanha pela anulação dos processos contra os 73 presos políticos porque sabemos que é uma importante batalha contra a constante perseguição política que sofre o SINTUSP e vários de seus diretores, assim como de todos os lutadores do país"

Diana Assunção e Marcelo Pablito, membros da diretoria do SINTUSP e dirigentes da LER-QI.

"Fui trabalhadora da UNIÃO, empresa contratada pela USP para fazer os serviços de limpeza que há poucos meses perdeu seu contrato com a universidade e deixou de pagar nossos salários e direitos. Estávamos prestes a perder mais de 1 mês de salário, cesta básica e vale transporte quando decidimos entrar em greve para exigir o devido pagamento dos dias de trabalho e greve, direito fundamental de todo trabalhador. Nessa greve pudemos contar com o apoio de estudantes e trabalhadores que deixaram suas atividades do dia a dia de lado para passar as manhãs e tardes em frente a Reitoria. Assim como naquele momento, os estudantes que hoje protestam contra a polícia no campus e pelo fim das perseguições na USP, trazem para dentro da universidade a voz de pessoas como as terceirizadas e os jovens negros e pobres das periferias como a São Remo que, logo ao lado da USP, conhecem todos os dias novos casos de mortes pela polícia, como é o caso da trabalhadora terceirizada Cícera, que em 2007 foi morta pela polícia"

Nick, ex-trabalhadora terceirizada da empresa UNIÃO

"Estávamos na ocupação da reitoria na madrugada do dia 8 de novembro e somos parte dos presos políticos da reitoria e do governo de São Paulo. Longe de nos deixar abater ainda maior da importância da luta contra a repressão policial! Neste momento, ao lado de todos os companheiros que compõe a Juventude às Ruas, travamos em cada assembleia e espaço a luta política para fortalecer a campanha pela retirada dos processos criminais que estamos sofrendo. Procuramos fazer da nossa voz a de todos os lutadores que sofrem repressão e perseguição política no país".

Alexandre , Ravena e Letícia Oliveira, estudantes da Juventude às Ruas e presos políticos de 08/11

"Nós, da Juventude Às Ruas, impulsionamos junto a companheiros independentes a chapa CÍCERA nas eleições para o CEUPES (CA de Ciências Sociais da USP), como parte de toda a luta na USP. Nossa campanha é, antes de tudo, uma campanha militante, colhendo assinaturas para o abaixo assinado contra a criminalização dos 73 presos políticos e pela retirada de todos os processos a estudantes e trabalhadores, discutindo com os estudantes sobre a greve, para fortalecer a luta contra a PM e o projeto da reitoria. Chamamos a votar na CÍCERA expressando apoio a essa luta!"

